

## Capítulo 1

É a primeira vez que nasço como mulher. Há ainda em mim um rasto de bicho, um rasto de nevoeiro.

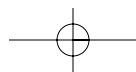
Sinto que os outros o intuem, obscuramente, quando me começam a conhecer; é estranho que não o vejam logo no início, mas eu mesma levei tantos anos a descobrir...

E então fogem. O que é primitivo mete medo. Ou ficam, entregam-se, deixam-se envolver...

A noite passada adormeci com uma pedra na mão. Uma ágata verde. Acordei com a mão cerrada, não a abri a noite inteira.

Houve um tempo em que só conseguia adormecer agarrada a um corpo. Mas agora acho que me chega uma pedra. E comecei a gostar de rosas secas, eu que enchia os quartos de flores ou de folhagem, que tenho uma varanda sobre os ramos de uma árvore (uma casa numa árvore), onde desde pequena me sento no chão de pernas dobradas, sozinha como um pássaro, ouvindo o roçar das folhas, a linguagem do vento, o silêncio das flores.

Agora gosto de rosas secas. Creio que comprei todas as que existiam nas lojas, rosas vermelhas, pequeninas, desidratadas.



Não é fácil contar uma história quando não se tem uma noção clara do tempo. Para mim em Janeiro há as camélias e os rododendros, em Fevereiro as magnólias e os pássaros que gritam de madrugada, os junquinhos e a chuva, em Março os lilases que escondem as paredes da casa, a madressilva nos muros, as árvores do fogo...

Há dois anos, talvez. Um pouco mais de dois anos...

Eu tinha vinte e sete. Não que isso tenha alguma importância, o meu corpo poderia ter dezassete ou trinta e sete, as suas transformações são subtis e suponho que aos cinquenta não serei muito diferente do que sou hoje, magra e de olhos grandes de mais (dizem-me que são grandes de mais, mas só quando me conhecem muito, quando o encanto se transforma em ameaça) e possivelmente não usarei o cabelo solto e despenteado mas preso numa trança ou apanhado na nuca. Uma mulher fria, de *jeans* e camiseiros, o cabelo afastado do rosto, as mãos... como serão as minhas mãos... inúteis ou ainda capazes de criar, de dar forma ao que vem de dentro, do fundo...

Mas penso que só envelhecerei mesmo, mesmo, antes de morrer. Uma metamorfose súbita e depois a morte, dizem que é assim que se passa com as bruxas.

E eu sou uma bruxa, uma feiticeira, talvez um demónio; é estranho que ainda não saiba qual é a minha natureza, eu que passei a vida toda a olhar-me, a desenhar-me, a sonhar-me talvez.

Tinha vinte e sete anos e ele vinte e cinco. Sempre gostei de homens mais novos, corpos de dezoito ou dezanove anos, rostos sem marcas do tempo, da dor. Não gosto de marcas, não gosto de feridas, amo o que ainda não despertou, o que ainda não nasceu ou acabou de nascer.

Ele parecia-se vagamente com o Kevin Bacon. O rosto de quem tinha passado algum tempo nas profundezas da terra, nos infernos, mas saíra indemne, quase inocente. Uma beleza

estranha, nocturna, de que ele mesmo não se apercebia, estava demasiado apaixonado por tudo o que o rodeava para dar muita atenção ao seu rosto.

Conhecemo-nos numa exposição. Não numa galeria comum, numa sala cheia de pessoas, mas numa antiga fortaleza quase em ruínas junto ao mar.

É um lugar impressionante, com escadas estreitas e caves, buracos de que não se vê o fundo, portas com grades de onde vem o escuro e o frio, uma velha lareira (sem achas, sem fogo, só pedra), o cheiro a tinta de paredes pintadas há pouco, janelas que dão para o mar, muralhas onde as vagas batem com força e o som é ensurdecedor.

Mesmo os quadros que estão lá permanentemente se tornaram estranhos, atravessados pelo ruído e pelo cheiro a maresia, as telas enormes e vagas onde dá vontade de perder-se (a infinidade de dois deles, teria de acreditar em Deus, ou de procurá-lo, para pintar algo de parecido), as caveiras, os ninhos. Há também esculturas de ferro (uma teia no chão), que parecem ter sido esquecidas ali há séculos, por fantasmas que ainda dormem pelos cantos.

O espaço entusiasmara-me desde o princípio. Durante alguns dias limitara-me a passear pelas ameias (a escada íngreme, o frio lá em cima, as nuvens, o céu azul, a torre da igreja, as casas velhas, o jardim interior, a pitangueira, os cântaros nas fendas, as gaivotas), a descer as escadas que por vezes não conduziam a lugar algum, a passear com uma vela pelo labirinto das caves, a empoleirar-me perigosamente nos para-peitos de rocha.

Pintara de verde uma parede, numa das salas que tinha um desses buracos fundos de onde subia o rugido do mar. Escolhera só quatro telas: degraus de um cais, gaivotas numa rocha, algo parecido com um feto desfazendo-se na água e eu mesma rodeada de pássaros que não eram gaivotas, nem abutres, mas tinham asas negras que me aconchegavam, o bico

de um deles roçava-me o seio esquerdo, nu, onde era visível o sinal escuro... Sempre gostei desse sinal porque há uma mulher muito jovem e louca num conto de Truman Capote que tem um sinal no mesmo sítio (ela também pintava, e gostava de flores, e fugia sempre, e perseguia sempre...).

Nenhuma música de fundo. Um sino de vento (de Saturno) numa janela, o som quase ininterrupto misturando-se com o das ondas.

Era um dos últimos dias da exposição e eu vagueava pelas muralhas, erguendo o rosto para receber o sol, tirara o blusão de ganga e ficara com a *T-shirt* branca, sem mangas, sentia os seios duros com o frio mas era bom. Não havia ninguém por ali (nunca havia ninguém, não vendera nenhum dos quadros — o que era aborrecido, precisava de dinheiro para comprar material), além de um casal de estrangeiros que tirava fotografias às pedras e ao mar.

Parei por momentos no cimo de umas escadas que desciam íngremes até à sala onde se encontravam dois dos quadros. Um homem magro estava imobilizado em frente do auto-retrato.

Ele intuiu a minha presença e olhou para cima. O seu rosto transformou-se como se não acreditasse no que via.

Não havia pássaros, talvez alguma gaivota, mas imagino que era como se a imagem tivesse contaminado a realidade, o meu vulto enquadrado pela abertura, o céu ao fundo...

Afastei-me, desinteressada. No entanto, como se estivéssemos perdidos num labirinto, caminhávamos pelas salas, pelas muralhas, e sentíamos a presença um do outro, talvez nos seguíssemos um ao outro, num jogo estranho, quase inconsciente.

Entreí no pequeno quarto onde ultimara os trabalhos e deixara uma tela (uma estrela do mar) que resolvera não usar. O cheiro a tinta era ainda muito forte, íntimo, deixei-me cair numa cadeira, folheei um bloco que tinha esquecido sobre a me-

sa. Pássaros e frases soltas, por vezes escrevo frases que não têm nada a ver com as imagens, que vêm de outros lugares.

Daí a algum tempo saí para o pátio banhado de sol, onde cresciam palmeiras e cactos.

Perguntei a mim mesma se ele teria ido embora. Parecia-me senti-lo ainda... Sentei-me num muro.

Não sabia muito bem quem era o perseguidor e quem era a presa, talvez a presa estivesse à espera.

Pouco depois vi-o aparecer com um ar um tanto perdido e adivinhei que passara os últimos minutos à minha procura.

Afastei o cabelo dos olhos e sorri. Ele aproximou-se com aquela expressão simultaneamente feliz e perturbada, de que aprenderia a gostar mais tarde. Claro que na altura não sabia que haveria um mais tarde, nunca penso na hipótese de um mais tarde.

— Você foi a modelo daquele quadro — disse.

Não respondi e levantei-me. O vento, muito forte, atirava-nos os cabelos para o rosto, reparei que era mesmo muito belo, aquele ar de anjo caído.

Caminhámos para o portão. Do outro lado, as ruelas calçadas com pedras pequeninas, as casas antigas, o casal de velhotes sentado na soleira da porta, com o cachorro castanho deitado aos pés, os restaurantes, os barcos de pesca, o cheiro a peixe e a mar, os turistas que eram os únicos que andavam tão despidos como eu.

— É tão bonito — disse.

— Demasiadas pessoas.

— Talvez. Mas eu gosto de pessoas.

— Eu não.

Ele soltou uma risada. Suponho que não me levou muito a sério, ou então estava demasiado feliz para deixar que as minhas palavras o inquietassem.

Contou-me tantas coisas a seu respeito naquele primeiro dia. Vinte e cinco anos. Devia ter sido um menino prodígio